

## **A Revolução Russa, a África e a Diáspora**

Por Hakim Adi

Desde a época da Grande Revolução de Outubro de 1917, os africanos e os de herança africana em todo o mundo gravitaram sobre os acontecimentos revolucionários na Rússia e no comunismo, vendo neles um caminho para sua própria libertação. Talvez não seja surpreendente, mas muitas das principais figuras políticas negras do século XX, na África e em outros lugares, foram comunistas, ou pelo menos inspiradas e influenciadas pelo movimento comunista internacional. Estes incluem figuras tão diversas como André Alier, Aimé Césaire, Angela Davis, Assata Shakur, WEB Du Bois, Elma Francois, Hubert Harrison, Claudia Jones, Alex la Guma, Audley Moore, Josie Mpama, Kwame Nkrumah, George Padmore, Paul Robeson, Jacques Romain, Thomas Sankara, Ousmane Sembène e Lamine Senghor.

Os afro-americanos e os da diáspora africana ficaram impressionados com a perspectiva de que a Revolução pudesse se espalhar globalmente e sinalizar o fim do sistema centrado no capital e tudo o que estava interligado a ele, incluindo a opressão racista. O poeta e escritor jamaicano Claude McKay referiu-se a Revolução de outubro como "o maior evento da história da humanidade", e o bolchevismo como "a maior e mais científica ideia do mundo hoje". Outro jamaicano, Wilfred Domingo, perguntou-se: "O bolchevismo alcançará a plena liberdade da África, as colônias em que os negros são a maioria e promoverá a tolerância e a felicidade humanas nos Estados Unidos? Houve, portanto, uma admiração precoce pela Revolução, na perspectiva que anunciava a possibilidade de uma alternativa ao sistema centrado no capital que seria vantajoso para aqueles que foram oprimidos nos Estados Unidos e no Caribe, bem como na África. Estas eram as perspectivas das organizações do início do século XX, que se inspiraram na Revolução de outubro, como a Irmandade de Sangue Africano nos Estados Unidos, que posteriormente incluiu muitos líderes comunistas negros como Otto Huiswoud, Cyril Biggs, Harry Haywood e Grace Campbell.

Uma vez que a nova União Soviética estava mais firmemente estabelecida na década de 1920, várias figuras proeminentes viajaram para ver de primeira mão a construção do socialismo e observaram a ausência de racismo e opressão nacional. Na verdade, este era um tema comum nas contas de testemunhas oculares de visitantes como W.E.B. Du Bois, Langston Hughes e Paul Robeson. Já em 1926, ao retornar da União Soviética, o proletário afro-americano acadêmico-ativista Du Bois reconheceu publicamente: "Estou admirado com a revelação da Rússia que veio a mim ... Se o que vi com meus olhos e ouvi com meus ouvidos é bolchevismo, sou bolchevique. Até mesmo o famoso Pan-Africanista George Padmore, ex-comunista de Trinidad que se separou do movimento comunista, escreveu um grande livro em 1945: como a Rússia transformou seu Império colonial, mais de uma década após sua expulsão. Padmore

ainda se sentiu compelido a publicar o que era, de fato, uma celebração da transformação revolucionária de 1917 e a eliminação da opressão nacional que, na opinião do autor, era uma consequência disso.

O significado da Revolução de Outubro não foi apenas no próprio evento, mas o fato de ter dado origem à construção de um novo sistema político e econômico na União Soviética e a um novo movimento comunista internacional organizado a partir de 1919 na Terceira Internacional Comunista, ou Comintern. O objetivo do Comintern era criar as condições para a transformação revolucionária fora da União Soviética e, desde o início, tomou um grande interesse pela África e outras colônias, bem como no que chamou de "Pergunta negra" - a questão de como os africanos e os da herança africana poderiam se libertar e pôr fim a todas as formas de opressão racista. Na verdade, não havia outra organização internacional que tomasse tal posição, que se opunha abertamente ao colonialismo e ao racismo e tentou organizar todas as pessoas de ascendência africana para sua própria libertação.

O fato de o Comintern lidar com a "Pergunta negra", incluiu em suas fileiras os comunistas de todas as nacionalidades e assumiu uma forte posição em oposição ao colonialismo e o racismo, envolvendo muitos em África, mesmo quando houve alguma insatisfação com os partidos comunistas na Grã-Bretanha, na França, nos Estados Unidos e na África do Sul. Para alguns, esses partidos pareciam estar se arrastando sobre a importância da questão negra. Havia uma visão generalizada de que o Comintern era mais revolucionário, o guardião do legado da Revolução de Outubro e, portanto, mais preocupado com assuntos como alguns dos seus partidos constituintes. Isso certamente parecia ser o caso quando o Comintern exigiu que o Partido Comunista na África do Sul fosse um grupo das massas do povo daquele país, liderado por africanos, e que deveria primeiro defender o domínio da maioria no que era considerado uma colônia de um tipo especial, mesmo que muitos dos líderes desse partido tivessem uma visão contrária. As decisões do Comintern eram igualmente firmes e controversas em relação à orientação a ser adotada para a luta afro-americana pela autodeterminação no chamado "Black Belt (Cinturão Negro)" nos Estados Unidos. De tudo o que se pode dizer sobre a política do Comintern, sem dúvida podemos falar que ela elevou o perfil, o significado e a centralidade dessa luta e, como demonstraram as demonstrações históricas recentes, colocou muitos dos fundamentos para as lutas posteriores dos direitos civis e do poder negro. Além disso, a posição do Comintern teve um impacto fora dos Estados Unidos, influenciando partidos comunistas em Cuba e outros países latino-americanos. Eventualmente, os comunistas negros assumiram a liderança ao exigir a criação de uma organização especializada - o Comitê Sindical Internacional de Trabalhadores Negros (ITUCNW).

A importância da ITUCNW, e o jornal O Trabalhador Negro, bem como outras publicações, foi que a política revolucionária e o impacto da Revolução de Outubro e do Comintern estavam espalhados por todo o mundo - particularmente na África e no Caribe, bem como na Europa no final da década de 1920 e 1930. Parte dos trabalhadores da ITUCNW e outros foram recrutados nas colônias britânicas da África Ocidental, bem como da África do Sul e, no tempo, estudantes foram enviados de muitas partes da África para a União Soviética. Outros viajaram dos Estados Unidos e do Caribe para ver as consequências da Revolução de outubro. No período entre as guerras, centenas fizeram essa jornada, incluindo líderes anti-coloniais como Isaac Wallace-Johnson da Serra Leoa, Jomo Kenyatta, futuro primeiro-ministro do Quênia, e Albert Nzula, o primeiro secretário geral negro do Partido Comunista Sul-Africano(SACP).

Talvez o legado mais importante da Revolução de Outubro tenha sido a teoria que emergiu dela e a experiência de construir um novo sistema social enquanto estava rodeado por um mundo centrado no capital. O que foi demonstrado foi que outro mundo era possível e que aqueles que eram produtores de valor poderiam ser seus próprios libertadores e poderiam construir esse novo mundo. Esta alternativa e a perspectiva da libertação continuaram a inspirar indivíduos e organizações na África e na diáspora durante todo o período entre as guerras e particularmente durante a Segunda Guerra Mundial, quando a União Soviética liderou a derrota do fascismo e criou a possibilidade de libertação nacional e a restauração da soberania nos países que definhavam sob o domínio colonial.

Para alguns, essa teoria foi incorporada na personalidade e no trabalho de V.I Lenin, que continuou a inspirar muitos. Em 1970, durante uma visita ao Cazaquistão, Amílcar Cabral, o famoso líder da luta de libertação nacional no que era então a Guiné Portuguesa, teria dito: "Como é que nós, pessoas privadas de tudo, vivendo em dificuldades, conseguimos travar nossa luta e ganhar sucesso? Nossa resposta é: isto ocorre, porque Lenin existiu, porque cumpriu seu dever como homem, revolucionário e patriota. Lenin foi e continua a ser, o maior campeão da libertação nacional dos povos ". Cabral estava longe de estar sozinho ao expressar sua admiração pelo trabalho e contribuição de Lenin. Thomas Sankara, o líder revolucionário do Burkina Faso, não só expressou sua admiração pela escrita de Lénin, que ele afirmou ter lido em sua totalidade, mas foi bastante mais específico em seu elogio à "grande revolução de outubro de 1917 [que] transformou o mundo e trouxe a vitória ao proletariado, sacudiu os alicerces do capitalismo e possibilitou os sonhos de justiça da Comuna de Paris ". Em 1984, concluiu: " a revolução de 1917 nos ensina muitas coisas ".

O mundo mudou consideravelmente desde 1917. A União Soviética e a construção do socialismo em alguns outros países foram encerrados. O Comunismo - a doutrina das condições para a libertação dos produtores de

riqueza não foi e não pode ser anulada, embora seja claro que exista uma necessidade de um comunismo moderno que ofereça soluções para problemas modernos. A Revolução de Outubro demonstrou que outro mundo é possível, que esta alternativa não é uma utopia, e que todos podemos ser agentes de mudança e criadores da história.

Fontes: Hakim Adi, *Pan-Africanism and Communism: The Communist International, Africa and the Diaspora, 1919-1939* (Trenton: Africa World Press, 2013), 12.

Ibid., 13.

Thomas Sankara Speaks: *The Burkina Faso Revolution 1983-1987* (London: Pathfinder, 2015), 165.

Ibid., 135.

Foto: W. E. B. Du Bois e Shirley Graham Du Bois observando o desfile de maio na Praça Vermelha de Moscou, 1º de maio de 1959.

*This post is part of our online forum, "Black October," on the Russian Revolution and the African Diaspora*

Fonte: Coletivo Minervino de Oliveira | Africam American Intellectual History Society, October 30, 2017: <http://www.aaihs.org/the-russian-revolution-africa-and-the-diaspora/>